

Alem dos restos de defesa divisam-se mais, nestas ruínas, abundantes fragmentos de lousa e de mós de granito; não se encontrando de tijolo, de louça e de telha, como acontece em grande quantidade nas outras povoações mortas. O não existirem fragmentos de telha não é para admirar, porque é muito de presumir que as habitações fossem cobertas de lousa, que a ha no termo, como ainda hoje o são todas as casas de Rabal, o que lhes dá aspecto muito pittoresco.

Se estas ruínas são de povoação extincta, poucos signaes ha d'ella; e a ajuizarmos pelos existentes, era pequena e pouco importante. Só demoradas investigações poderão esclarecer o que foram, que á simples inspecção nos dão a impressão de um acampamento ou arraial (em latim *castra*).

Á vista d'este *castro*, para sudoeste, a uma distancia não superior a 1:500 metros, e numa altura que margina a estrada que vae para Bragança, vêem-se tambem umas ruínas de uma pequena fortaleza circular, de cousa de 6 metros de diametro, formada de pedra sôlta, fortaleza a que chamam a *torre*. D'ella avista-se distinctamente a face norte do castello da cidadella de Bragança, e deve ser tida como ponto avançado, atalaya d'esta fortaleza, destinada a vigiar este caminho da fronteira.

Não resta dúvida que esta *torre* serviu de ponto intermedio de comunicação entre a fortaleza da cidade e a nossa aldeia de Rabal, ou o seu castro, se porventura coexistiram na mesma epocha.

Ahi fica essa noticia sobre as ruínas das fortificações da povoação que alguns tem querido identificar com o *Roboretum* de Antonino. Mas como se vê por ella, e pelo que se induz das informações dos seus habitantes, não se póde acceitar este parecer sem outras razões que o justifiquem. É pelo menos esta a minha opinião.

Bragança, 1897.

ALBINO PEREIRA LOPO.

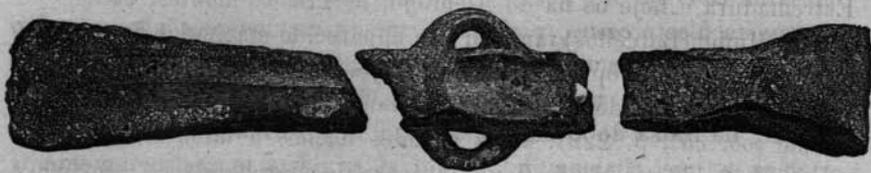
Dois machados de bronze

Foi por mero acaso que se descobriram os machados de bronze, de que vou occupar-me; um d'elles vae aqui representado. E foi ainda preciso novo acaso, para que os seus fragmentos não andassem hoje dispersos e irreparavelmente perdidos!

Cá em Portugal, não sei de pesquisador de antigualhas, mais solícito e mais feliz do que o *acaso*. Curvemo-nos, pois, perante elle.

Em 1895, uns pedreiros exploravam as *bancadas* superficiaes de uma pedreira de granito, na quinta chamada da Commenda¹, em Tavora (Arcos de Val-de-Vez).

Em uma fenda natural da rocha, fenda entulhada de *rêbos* (pedra meuda), achavam-se dois objectos de metal, collocados um ao lado do outro, e inteiros ambos. Verificando os trabalhadores, depois de os partirem, que esses objectos não eram do *vil metal precioso*, arremessaram-nos em pedaços para um montão de entulho, aonde um dos donos da propriedade², apparecendo pouco depois, os pôde recolher e completar. Estava já um dos instrumentos partido em tres e outro em dois.



Os dois machados nada nos vem dizer de novo, creio eu, nem pelas circumstancias do seu apparecimento, pois ainda d'esta vez parece que se trata de um esconderijo, sem intenção religiosa ou antes modesto, thesouro visto tratar-se de objectos novos (Vid. Chantre, *Age du bronze*, II, 68), nem por particularidades de fórma, que já é conhecida. Com elles não me consta que estivesse qualquer outro objecto de valor archeologico.

Em todo o caso, confirmam o que já era sabido, e isto sempre é de vantagem. Testemunham um fabrico local.

Os machados de Tavora pertencem a um typo, reproduzido em varias partes de Portugal, e da Hespanha, no sudoeste da França, no sul da Inglaterra e na Irlanda³.

¹ Foi commenda da Ordem de Malta, e os bens que a constituíram foram doados por D. Theresa. Ainda existe a ermida: bello, embora modesto, exemplar do estylo romano-byzantino, sobre a qual preparo um pequeno estudo.

² Os donos da quinta são os Ex.^{mos} Srs. João de Brito e Dr. Pedro de Brito, ambos lavradores abastados e muito illustrados. Áquelle deve hoje a archeologia portuguesa mais estes dois machados; á iniciativa e posição official do outro, deve a cuidadosa conservação da sua ermida, a do pelourinho da villa, etc.

³ Vid. Cartailhae, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pp. 236 a 238; *Rapport sur la session de Lisbonne du Congrès internationale d'anthropologie et d'archéologie préhistorique*, p. 74; — *Compte-rendu* do mesmo Congresso, pp. 365 e 366 segs.

Foi porém a este typo de machados *com duas aselhas* que o Sr. Hildebrand, no Congresso Prehistorico de Lisboa, em 1880, applicou a denominação de *typo do Minho*, como occupando o remate na escala de aperfeiçoamentos, a começar da simples lamina ou cunha do Alementejo.

Hoje, porém, nem é licito reclamar para a archeologia exclusivamente portugueza este typo de machados, como em 1880 quis o Sr. Possidonio da Silva¹, pois que machados de aselhas tem sido encontrados em diversas regiões, nem tampouco² me parece poder justificar-se a denominação, ainda mais restricta, de machados de *typo do Minho*, quando já o Sr. Possidonio os dava tambem da Beira e da Estremadura e hoje os ha do Alementejo, de Tras-os-montes, etc.³

No Minho (Barcellos) tambem tem apparecido machados de cunha⁴; portanto não são proprios só do Alementejo.

Aos dois machados de Tavora ajustam bem estas palavras de Cartailhac (*ob. cit.*, p. 229): «Les grandes haches à talon trouvées en groupe — cachettes de fondeurs, trésors de marchands, — sont souvent telles quelles sortaient du moule, avec leur culot, leurs bavures, et l'absence de tout martelage». Cf. Evans, *L'âge du bronze*, p. 498.

¹ O Sr. Possidonio da Silva firmava em tres elementos caracteristicos o exclusivo dos machados portuguezes. Eram elles: 1.º, as duas aselhas; 2.º, as suas grandes dimensões; 3.º, não serem de encaixe vasado (*douille*), mas de corpo massiço (*talon plein*) com as duas cannelluras. (Vid. *Notice sur les haches de bronze prehistoriques trouvées en Portugal*, avec une planche, par le chevalier J. da Silva, 1883). Hoje nem pelas suas dimensões se tornam elles singulares, pois em Cartailhac (*ob. cit.*, p. 230 e segs.) vem 1 da Andaluzia com 0^m,23 de comprimento; 1 da Gironda com 0^m,22; 1 da Inglaterra com 0^m,18; 1 de Grandola (Alementejo) com 0^m,25; 1 de Montalegre com 0^m,23 (devem deduzir-se para este talvez 0^m,02 para a cabeça ainda adherente da fundição, o *culot*); n-*O Arch. Port.*, I, 26 e 27, citam-se de Mirandella, Contomil, Barcellos e Riba-Tua com 0^m,225; 0^m,195; 0^m,222 e 0^m,17. O da estampa, que o Sr. Possidonio deu na citada *Notice*, mede 0^m,26, mas devem desprezar-se 0^m,015 para o *culot* ou cabeça de fundição. Mede pois 0^m,245. Mas deve notar-se que o pouco comprimento de alguns póde provir do uso (Evans, *L'âge du bronze*, pp. 90, 94 e 95).

² Em todo o caso o facto de apparecerem os grandes machados de cannelluras e duas aselhas na Hespanha, em Portugal, sudoeste da França e sul das Ilhas Britannicas dá razão a suppor, alem de outros factos, que estes paises se relacionaram durante a epocha do bronze (Vid. Cartailhac, *ob. cit.*, p. 241). Mas seria de facto na Peninsula que elles tiveram mais voga?

³ Vid. Cartailhac, *ob. cit.*, pp. 230, 231 e Augusto Simões, *Introdução á archeologia da península iberica*, p. 116.

⁴ Vid. *Minho Pittoresco*, II, 172. Esta obra dá noticia de mais 2 machados de aselhas; um de Caminha (I, 168) e outro de Esposende (II, 199).

Portanto os dois instrumentos de que me occupo foram fundidos nesta mesma região¹; nem era natural que fossem transportados com aquella pesada e inutil excrescencia, que tinha de ser eliminada antes de pôr o machado em estado de servir.

Mas tambem não posso convencer-me de que a fundição d'essas armas fosse industria de sedentarios castrejos²; as condições em que ellas apparecem inclinam-me antes para admittir a existencia de uma casta ou talvez raça de fundidores ambulantes, embora as fórmãs regionaes me suscitem tambem a hypothese de uma subdivisão d'essa gente em grupos isolados de familias que frequentassem e percorressem determinadas regiões³.

A semelhança dos dois machados de Tavora, que são entre si perfeitamente iguaes e, ao que parece, obtidos no mesmo molde, com os que Cartailhae gravou a p. 230 da sua obra, tantas vezes citada, vae até ao ponto de terem todos o mesmo comprimento, que é de 0^m,23, com a cabeça de fundição. A fórma das canelluras é ainda a mesma. Differem apenas nas nervuras da lamina. São ainda todos tres do norte de Portugal.

*

Não posso omittir uma particularidade que apresenta o machado da gravura.

Uma das fracturas revelou uma falta de homogeneidade de bronze.

O fundidor, *calderario* ou o que fosse, dos machados de Tavora não conseguira realizar ainda uma accetavel perfeição na sua industria, ou

¹ Como por aqui não ha minerios alguns, o commercio limitar-se-ia aos dois metaes componentes do bronze. Ou então os objectos era apenas refundidos, hypothese que, do que adeante escrevo se infere, é pouco provavel.

² Chamam em Melgaço *castrejo* ao habitante de Castro-Laboreiro. Não é pois sem razão que denomino *castrejos* os habitantes dos antigos *castros*. Aqui diz-se *gaviêro* o homem da Gavireira e *suajeiro* o de Suajo. O Sr. Leite de Vasconcellos ouviu *crastejos*: cf., do mesmo A., *Uma excursão ao Suajo*, 1882, p. 34.

³ No alto do castro de S. Miguel-o-Anjo de Azere, encontrei em recentes excavações a que procedi, pequenos pedaços informes de bronze, muito oxidados, que me pareceram e parecem ainda escorias de fundição de bronze.

Contrariará este achado a hypothese que formulo no texto? Não me parece haver incompatibilidade. Chantre, discutindo a attribuição dos thesouros e esconderijos, chegou, com outra auctoridade porém, á mesma conclusão. Vid. Chantre, *Age du bronze*, II, 154.

por impericia e defeito proprio, ou porque a evolução industrial na região ou na peninsula ainda vacillava os seus primeiros passos¹.

O que parece certo é que a resistencia dos machados de Tavora devia ser insufficiente, ainda que por ulterior recozimento ou têmpera ou pelo martello o fundidor procurasse communicar maior dureza á liga e ao gume².

O mal dirigido arrefecimento da massa fundida ou o desleixo em calabrear bem os dois metaes componentes tinham dado lugar ao phenomeno da *liquação*³.

Na massa de bronze do machado da gravura vê-se uma cavidade alveolar, aonde veiu a isolar-se e prender-se um pequeno grão ou nódulo de estanho, já depois de solidificado o bronze da arma. É o fragmento das aselhas que mostra esse pedaço de estanho.



Os dois machados de Tavora estão perfeitamente novos, sem uso algum. Acabados, foram em seguida escondidos⁴.

No gume d'estes machados, as duas superficies convergentes não são rigorosamente symetricas, mas uma d'ellas é de curvatura mais accentuada ou de mais curto raio que a outra. (Cf. Cartailhac, *ob. cit.*, p. 236). Esta disposição ainda hoje se adopta em varios instrumentos de trabalho, quer tenham gume transversal ao cabo, quer paralelo. Mas a presença das duas aselhas talvez denote que estes machados eram encabados com o gume transversal.

Na região aonde appareceram os dois machados, a que me tenho referido, ha alguns castros; o mais proximo, e esse pequeno é, e quasi

¹ No bronze d'estes dois machados ha ainda uma notavel imperfeição. Conhece-se pelo aspecto *fibroso* do bronze, quasi como a lava moderna de um vulcão, que a fluidez do metal era insufficiente para dar materia bem homogenea. Conclue-se que o foco de calor era pouco intenso e portanto a fusão da liga incompleta.

² Vid. Georges Perrot, *L'art phénicien*, p. 866, citado por Hamard no *Cosmos*, xxxvi, vol. 36, n.º 117, p. 89. Evans, *ob. cit.*, pp. 90 e 100.

³ Veja-se *Dictionnaire des dictionnaires*, par Mgr. Guérin, s. v. *Bronze*.

⁴ Na freguesia de Abaça (Villa-Real) appareceram 7 machados de cunha, provavelmente novos e com uma pedra de granito fino ao lado, que talvez fosse para os afiar (*Arch. Port.*, I, 131). No castro de Azere (Areeos de Val-de-Vez) tambem encontrei alguns pequenos calhaus de gneiss, com signaes de terem servido de amoladores (*Arch. Port.*, I, 174, nota 1).

só hoje o nome o indica, fica a 1 kilometro pouco mais ou menos do sitio do esconderijo.

Um pouco mais distante, ha vestigios bem patentes de um outro castro grande, d'onde tenho visto (e alguns possui) bronzes e meios-bronzes de Faustina, Hadriano, Antonino, Nerva, Trajano e dois pequenos bronzes de Constantino e de Constancio II, com outra moeda que me disseram ser de Vitellio. O sitio, pois, do achado talvez marque um ponto de passagem que póde servir para retrazar hoje os antigos caminhos que, neste concelho, ligavam os castros entre si. Ás vezes é a toponymia local que nos conserva a tradição d'essas vias de comunicação.

Arcos de Val-de-Vez, Maio de 1898.

F. ALVES PEREIRA.

Sociedade Archeologica da Figueira

«Estão definitivamente lançadas as bases para a constituição d'esta nova sociedade, a que no passado numero deste jornal nos referimos, informando os nossos leitores dos seus louvaveis intuitos, e accentuando a influencia benefica que d'ella póde resultar para o desenvolvimento do gosto e interesse do publico pelos estudos tão descurados da archeologia e da arte, e impedindo a destruição dos objectos dignos de serem conservados pela sua importancia historica ou artistica.

Foram seus socios fundadores os srs. Dr. Antonio dos Santos Rocha, dr. Antonio Alvarez Duarte Silva, Dr. José Jardim, Francisco Ferreira de Loureiro, Augusto Goltz de Carvalho e Pedro Fernandez Thomás.

A ideia da organização d'esta sociedade foi acolhida com geral sympathia nesta cidade, e a nova aggremação conta já bom número de valiosas adhesões.

Oxalá que as outras terras do país, da importancia da nossa, seguissem este exemplo, porque não haveria a lamentar os vandalismos de que todos os dias são victimas os nossos monumentos!

Publicamos em seguida os estatutos da *Sociedade Archeologica*, que vão ser submettidos á approvação da auctoridade competente.

Artigo 1.º A «Sociedade Archeologica da Figueira», com séde na cidade da Figueira da Foz, destina-se, em geral, ao estudo de diversos